

*TIAGO REBELO*

*BREVE HISTÓRIA  
DE AMOR*

ASA



## Primavera

Ela passou o sábado ocupada a tratar da roupa, mudar os lençóis das camas, aspirar, enfim, a fazer o que vai ficando para trás durante a semana, entre o emprego e o filho. Hoje, como ele foi para casa do pai, aproveitou. Mas quando a luz do dia acaba e se senta sozinha na sala, a penumbra e o silêncio trazem uma melancolia. De modo que decide sair, ver gente, tomar um café.

Na rua, vai caminhando devagar, apreciando o perfume da Primavera. Pára por momentos, atraída por uma montra. Ele cruza-se com ela nesse momento e vê-a a sorrir sozinha, a olhar para a montra, mas não percebe a razão. Foi porque achou graça a uma bola de vidro, daquelas que neva se for agitada.

Mais à frente, ele dá com uma esplanada e pára a ponderar. Há uma mesa livre e o ambiente é convidativo. A noite está amena e as pessoas conversam animadamente ali à beira do movimento tranquilo do bairro. Pensa não tenho pressa para nada, encolhe os ombros instintivamente e resolve ficar.

Já na esplanada, ela repara numa mesa vazia e, ao passar por ele, vê-o avançar também para a mesa. Sorriem um para o outro, constrangidos. Quer sentar-se?, pergunta ele. Não, deixe estar,

responde ela. Parece que não há mais nenhuma livre, diz ele, podemos ficar os dois nesta, se não se importar. Ela hesita um segundo, mas aceita.

Apresentam-se, pedem cafés, falam do tempo maravilhoso que faz. Depois descobrem que moram no mesmo bairro e cresceram na mesma escola, embora não se lembrem um do outro. Ela refere que tem um filho, que hoje está com o pai. Ele mostra-lhe a mão aberta, sem aliança e diz eu ainda nem sequer casei.

Passou uma hora e, repentinamente, ela anuncia que tem de ir. Contudo, de regresso a casa, pensa que gostou dele e re-primina-se por ter cedido aos receios, por se ter afastado, por não se querer apaixonar com medo de sofrer. Já ele, pensa que estúpido, nem sequer lhe pedi o contacto! E, num impulso, vai atrás dela. Percorre dois quarteirões a correr, sem a descobrir, volta para trás, lança um olhar em redor e dá com ela no passeio do lado de lá. Atravessa a rua, chama-a, alcança-a quase sem fôlego.

Ela vira-se, surpreendida, e ele a rir-se, a arquejar, pede-lhe só um bocadinho para recuperar. Que foi?, pergunta-lhe, divertida. É que não me deu o seu número de telemóvel e podem passar mais vinte anos sem nos voltarmos a cruzar. Ela solta uma gargalhada, dá-lhe o número, diz-lhe adeus outra vez. Deixa-a ir com um aceno cansado, encosta-se a um carro, grava o número e liga-lhe. Ela acabou de virar a esquina, abana a cabeça, atende.

E já agora, diz ele, como estamos os dois sozinhos, não quer vir jantar comigo?

## Química

A festa vai adiantada quando ele chega. Dirige-se para o exterior da casa. Lá fora, o chão do jardim foi coberto com areia, a fazer lembrar a praia numa noite de Verão. A música toca alta. Os efeitos de luzes projectam nas paredes as sombras dos convidados, como se fossem gigantes. Ele fica ali parado um instante, adaptando-se ao ambiente, de uma luminosidade vermelha pontuada por flashes brancos.

Ela está numa roda de amigos. Descobre-a a rir-se duma piada de alguém. Como se algo a atraísse, volta-se para trás, repara nele, demora um bocadinho mais do que o necessário a desviar os olhos. E, nesse entretanto, não desarma o sorriso. Depois faz um gesto com a mão, levando-a ao cabelo, destapando o pescoço, virando-se então novamente de costas.

Ele dirige-se ao bar, uma mesa junto à parede, onde há garrafas, copos, gelo. Serve-se de uma bebida. Dali a pouco, ela dá por ele ao seu lado, cumprimentando amigos comuns que festejam a sua chegada. São apresentados, ou apresentam-se simplesmente, quando ele decide falar a todos, conhecidos e desconhecidos, até chegar à vez dela. Ela toma nota mental-

mente dos traços dele, da cor dos olhos, do timbre da voz, do perfume agradável. Ele regista igualmente todos os pormenores dela.

Começam a falar a propósito de qualquer coisa, algum pretexto que ele aproveitou e a que ela correspondeu. Em breve o grupo dispersa, mas eles continuam, só os dois, sentados em cadeiras de ferro, num canto discreto. Agora ele já sabe coisas que ela não costuma dizer a ninguém. Em compensação, ela também lhe ouviu alguns segredos. São dois estranhos que, por alguma razão, se abrem um ao outro, talvez na ânsia de se conquistarem.

Sou divorciada, revelou-lhe. O meu ex arranjou outra, por isso não se iluda, porque me tornei muito cautelosa.

Ele sorriu, absorvendo a mensagem. Também sou, disse, mas ninguém arranjou outro, nem outra. Filhos?

Nááá. Você?

Um.

A festa esmorece, os convidados vão saindo, eles ficam para o fim. Gostaram da companhia e deixaram-se estar. Mas o tempo corre e, com o dia quase a nascer, a música acabou e chegou o momento de se separarem. Ele acompanha-a ao carro, despedem-se, ela parte. Ele guardou o seu contacto e vai para casa a recapitular cada momento, cada palavra, cada informação. Ela também. Ele leva um sorriso nos lábios. Ela também.

Ao início da noite eram duas almas toldadas pelos seus fracassos pessoais, pelos casamentos falhados. Porém, ao final da noite são duas pessoas surpreendidas e com esperança no dia seguinte.

## Destino

A carruagem vai quase vazia. Sozinha, de cabeça baixa, escondida atrás de uns óculos de sol enormes, ela não quer falar nem olhar para ninguém. Tem um cabelo revoltado, caracóis escuros que se desenrolam até aos ombros. Vai para Londres, cumprindo a sua rotina de há poucas semanas. Aproveitou uma oportunidade de trabalho que andava a adiar por amor. Mas agora já nada a prendia a Lisboa. Trocou o número do telemóvel, ignora a net, já não vê o Facebook, desligou-se do mundo. Partiu.

Partiu, mas uma parte de si ficou em Lisboa, alguém que não esqueceu. A distância é uma coisa boa, mas não chega. Pode ter vindo para longe, mas as recordações dolorosas vieram com ela, porque a memória não se desliga como o telemóvel ou o computador. A tristeza, a desilusão, só esmorecem com o tempo, sabe-o bem, mas isso não a ajuda mais. O tempo custa a passar. Passou um mês e uma semana – anda a contá-los contra a sua vontade – e, no entanto, acorda todos os dias com a impressão de que foi ontem.

Ele disse que a amava e depois abandonou-a, desistiu dela simplesmente, sem um remorso, sem uma atenção. Acabou, disse, não quero falar mais disso, como quem sacode um assunto embaraçoso, como se ela fosse só um embaraço. Traiu-a com a sua indiferença, e isso é pior do que não a amar. Ela não percebe como ele foi capaz de ser tão egoísta, tão insensível.

O comboio pára na estação, entretanto a carruagem encheu-se e ela percorre o cais no meio da multidão. Chega à rua, atravessa-a por entre a confusão do tráfego matinal, ouve uma buzina nas suas costas e salta para o passeio assustada. Olha para trás, a ver quem apitou, sem parar de andar, choca com alguém. Desculpe, diz em português, sem pensar em inglês. Um homem jovem, engravatado, com um sorriso simpático, responde-lhe, não faz mal, também em português. As mãos dele, que agarram ainda os ombros dela, impediram que caísse. Ele retira-as. Está perdida?, pergunta-lhe. N... não, gagueja ela. Trocam algumas palavras, por serem ambos portugueses em Londres, depois seguem em sentidos opostos.

Ela chega à esquina, vai a sorrir, quando o ouve chamá-la. Volta-se, ele alcança-a e entrega-lhe um cartão-de-visita. Para o caso de se sentir perdida, diz, Londres pode ser muito solitária, *trust me*. Ela aceita o cartão, afasta-se, vira-se para trás ao fim de alguns passos e ele ainda lá está, a observá-la. Ela acena-lhe e vai-se embora a apertar o cartão entre os dedos, satisfeita. Vai telefonar-lhe ao fim da tarde, decide, talvez logo ao início da tarde. É o destino, pensa, confiante, vai correr tudo bem! E, pela primeira vez em cinco semanas, consegue passar um dia inteiro sem se sentir sufocada pelo passado recente.

## O primeiro namorado

Nasceram com uma diferença de dois dias. Cresceram juntos no mesmo prédio, onde eram vizinhos. Ele, ela, foram os primeiros namorados de cada um. Estudaram na mesma escola, na mesma universidade. Depois separaram-se, ele foi acabar os estudos em Inglaterra, ela ficou. O tempo, a distância, encarregaram-se de os afastar e, quando ele regressou, ela já estava casada. Encontraram-se dois meses mais tarde numa festa. Nessa noite, arranjaram alguns minutos para conversar a sós, partilhar recordações. Ele desejou-lhe toda a felicidade do mundo, ela também. Em seguida ela voltou para junto do marido e ele foi procurar a namorada. Em breve, ele partiu novamente para Inglaterra, onde arranjou trabalho num banco e fez carreira.

Nunca mais se viram, nem voltaram a contactar-se, embora na intimidade dos seus pensamentos se lembrassem sempre um do outro e se perguntassem o que seria feito dele, o que estaria ela a fazer. Ele teve algumas namoradas. Ela teve um filho.

Dez anos passados, ele deixou o emprego em Londres em troca de uma nova vida em Portugal. Chegou há dois dias apenas e dá com ela, por acaso, à entrada do prédio dos pais. Abra-

çam-se, começam a falar, atrasam os compromissos que têm para tomar um café.

Sentam-se a uma mesa, ainda a tirar os casacos e já ela quer saber tudo sobre a vida dele. Não casaste?! Espanta-se, sentindo-se secretamente contente por saber isso. Ele sorri, abana a cabeça. Porquê? Ele coça a cabeça, um pouco embaraçado, encolhe os ombros, sei lá, diz, não encontrei ninguém que valesse a pena. Ela põe-se pensativa, nunca te perguntaste como seria se tivéssemos ficado juntos? Claro que sim, responde, mas entretanto casaste, lembras-te? Lembro-me, diz ela, é a sua vez de se sentir embaraçada. E o teu casamento, pergunta-lhe, como vai? Ela baixa os olhos, vai mal, estamos separados, afirma, a dar um tempo, acrescenta, fazendo uma careta engraçada, como quem não acredita no que diz.

Despedem-se na rua, ela tem de ir a correr buscar o filho à escola e levá-lo a casa do pai. Ele ajeita-lhe o cabelo com a ponta dos dedos. Estás igual, diz. Quem me dera, diz ela a rir-se.

Ele telefona-lhe à noite, falam até esgotarem os saldos dos telemóveis. Depois liga-lhe do telefone de casa para o dela e continuam a conversar até o dia nascer. Queres ir tomar o pequeno-almoço? Convida-a, antes de desligar. Ela diz que sim.

Encontram-se à porta da pastelaria. Ele abraça-a e, num impulso, beijam-se com uma ternura, uma saudade de que nem suspeitavam. Queres mesmo saber porque nunca casei? Pergunta-lhe. Quero. Porque, embora não tivesse consciência disso, estive sempre à tua espera.

## Amantes

O marido está para fora, em trabalho, de modo que tem a tarde toda livre, sem os constrangimentos habituais. Vestiu-se com cuidados de amante, preocupada com todos os pormenores. Demorou uma eternidade a escolher a roupa, depois de ter ido ao cabeleireiro cortar o cabelo, arranjar as unhas. Leva uma saia azul-escura, uma camisa branca, sapatos que a fazem mais alta, mais segura de si. Sente-se atraente, feliz com a expectativa de um dia diferente. Vai desligar o telemóvel, prometeu a si própria um dia diferente, como se fosse livre, como se ele fosse livre, como se não tivessem de ser secretos, vivessem um para o outro e não houvesse nada a separá-los.

Caminha pela rua, atenta às falhas na calçada, armadilhas para os saltos altos. Esconde os olhos atrás de uns grandes óculos de sol, para poder disfarçar no caso de se cruzar com alguém conhecido. Hoje não quer falar com ninguém, não quer lembrar-se de que não tem a vida que sonhou. Ainda gosta do marido, mas a paixão perdeu-se na rotina, o entusiasmo esfumou-se nos anos, nos projectos que ficaram pelo caminho. Em contrapartida, o homem que a espera consegue fazê-la sonhar.

Ele é mais velho, advogado de sucesso, família exemplar. Ela gostava de ter filhos, gostava de ter um com ele. Ele já tem três. Gostava de o ter só para si, de recomeçar tudo a seu lado, de não o ter no segredo dos quartos de hotel.

Ele está sentado ao balcão, no restaurante, a tomar uma bebida. Reservou uma mesa e dá uma vista de olhos na ementa enquanto espera que ela chegue. Tem uma inquietação latente, que vai crescendo de dia para dia, à medida que a vai conhecendo melhor e se sente mais preso a ela. No início era só uma mulher mais nova, bonita, nada de sério, mas agora ocupa-lhe o pensamento a cada momento. Precisa dela, precisa de fugir entre reuniões para os seus encontros furtivos.

Quando ela entra, ele levanta-se para a receber. Os olhos do restaurante viram-se para ela, mas não repara, concentrada nos dele, azuis, encantadores. Sorriem um ao outro. Estás à espera há muito tempo?, pergunta-lhe. Parece-me sempre muito tempo, responde ele.

Sentam-se à mesa, pedem vinho, ele espreita-a concentrada na ementa. É tão bonita, pensa, como se fosse uma oportunidade única de ser feliz novamente. Ama os filhos, mas o casamento tornou-se uma prisão. Ela surpreende-o a observá-la, sorri. Nesse instante vem-lhe à ideia uma certeza: um dia vou perdê-la e não poderei fazer nada para o evitar. Um dia, ela vai desinteressar-se do pouco que temos. Ela pressente-lhe uma preocupação e pergunta-lhe o que foi? Nada, diz ele, sorrindo para afastar a nuvem negra. Ela volta a baixar os olhos para a ementa, preocupada também, a pensar que um dia ele vai voltar para a mulher, para a família, vai esquecê-la. Estão apaixonados, felizes, mas a caminho de nada.